

## A persuasão no discurso feminino: estratégias prosódicas\*\*

Os estudos de prosódia estão na ordem do dia, do mesmo modo que da análise da frase se passou à análise do discurso e que a investigação sobre a língua escrita é indispensavelmente complementada com a investigação sobre a língua oral.

Confinada à referência de «traços supra-segmentais» pelos gramáticos estruturalistas que recusavam interesse a este tipo de análise, a prosódia retomou, nos últimos vinte anos, o termo com que era designada tradicionalmente nos estudos de retórica e tem merecido uma progressiva atenção da pesquisa em linguística.

É certo que, já nos anos 20 e 30, alguns linguistas acentuavam a importância da entoação — um dos factos prosódicos mais relevantes —, quer para o esclarecimento das estruturas sintácticas, quer para a interpretação dos «elementos afectivos» da linguagem por oposição aos «elementos lógicos». As análises realizadas nessa época, contudo, podem bem classificar-se de impressionistas na sua maioria, sem que se possa esquecer o trabalho experimental levado a efeito com os poucos aparelhos existentes.

Mais tarde, quando a gramática generativa-transformacional ainda se encontrava paredes meias com o estruturalismo, a prosódia serviu os estudos de sintaxe e de semântica por permitir o estabelecimento dos chamados «tipos de frases» (interrogação: «Está calor?», *versus* declaração: «Está calor», por exemplo), a definição de padrões característicos de diferentes atitudes, a desambiguação de frases ambíguas (de que é exemplo clássico: «Ele quer vender este livro roubado a Chomsky», frase em que a interpretação depende de uma relação prosódica existente entre dois dos elementos).

Foi, porém, nos últimos vinte anos que o desenvolvimento tecnológico da aparelhagem electrónica tornou possível uma experimentação sofisticada que frequentemente regista factos que escapam à percepção humana.

Foi ainda neste período que se desenvolveu a linguística formal e se criaram modelos que, aplicados a factos prosódicos, possibilitam uma integração teórica e uma generalização que objectivamente procura caminhar para uma gramática universal.

Foi finalmente com o interesse votado à pragmática — que encara a linguagem como um fenómeno comunicativo, intersubjectivo e social — e com o progresso da investigação sobre a língua em uso e sobre as estratégias de interacção que o estudo da prosódia se revelou indispensável.

---

\* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

\*\* A parte de investigação da presente comunicação só foi possível devido à colaboração da Dr.ª Maria do Céu Viana, investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, e da Dr.ª Alina Villalva, assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, que analisaram experimentalmente as gravações, interpretaram os resultados obtidos e elaboraram a maioria dos gráficos apresentados.

São factos prosódicos: o acento de palavra e de frase (o acento de intensidade em português, ou seja, a força expiratória), a entoação (altura da voz, sucessão de tons, «melodia»), a duração dos sons, o débito (velocidade) e as pausas. Naturalmente, todas as línguas têm padrões melódicos próprios, resultantes da conjugação da distribuição dos acentos com a relação dos tons em sucessão. Mas, no interior desses padrões, o indivíduo transmite uma série de informações sobre si próprio, sobre o grupo sociocultural a que pertence, sobre as suas atitudes no momento em que fala.

Essas são as informações que têm despertado o interesse de psicanalistas, psicólogos, sociólogos, educadores. O psicanalista Georg Groddek, contemporâneo de Freud, já em 1922 chama a atenção para a relação entre a linguagem e as pulsões eróticas do inconsciente, concretizando que «a entoação da voz se torna mais alta porque o que fala se tornou subitamente uma criança, ao passo que uma entoação mais grave prova a metamorfose em homem forte (...); a atenuação da voz, sobretudo no enrouquecimento, simboliza o segredo». Estamos, evidentemente, em pleno campo de interdisciplinaridade, em que os linguistas podem trabalhar (e continuam a fazê-lo) com os psicanalistas, neurologistas, psicólogos e sociólogos.

Resultando a entoação de uma sucessão de tons, estes, embora mantendo entre si a mesma relação, podem estar colocados a diferentes alturas. Assim, o som da voz masculina possui uma frequência fundamental mais baixa que a da feminina (e a do adulto mais baixa que a da criança) em consequência de uma maior massa das cordas vocais. A modificação da tensão nas cordas vocais pode todavia alterar a altura da voz, permitindo criar outros tipos de voz, como, por exemplo, a imitação da voz infantil. Mas não é apenas a entoação que leva à classificação dos tipos de voz: também a velocidade, a intensidade, os silêncios.

Em análises feitas sobre aspectos prosódicos da voz feminina têm sido estudadas as características de alguns tipos diferenciados, em que predominam os que se podem designar como «voz doce», «voz de encanto» (de *charme*), «voz de sedução» (*coquette*). Nestes casos, a investigação incide sobre a voz feminina da publicidade, das locutoras dos aeroportos, das actrizes *sexy*. O efeito provocado por esse tipo de vozes pode ser obtido com uma atenuação geral da intensidade e com uma redução das diferenças melódicas e das diferenças de intensidade (voz de encanto), ou com uma subida final da entoação — que não coincide necessariamente com o final de uma pergunta, por exemplo —, deixando a frase aberta como um convite ao interlocutor (voz de sedução).

Se se compararem dois fragmentos de discurso de um mesmo locutor, pode ainda verificar-se que, ao utilizar a voz de encanto, se nota um abrandamento da velocidade (menor número de sílabas por minuto) e, por vezes, um sopro, acompanhando, ou não, a parte final do enunciado, que termina não raro em murmúrio. Estas são também características que se podem encontrar na «voz de prazer».

A presente comunicação inscreve-se na linha de alguns trabalhos realizados, mas deve considerar-se apenas como o início de uma investigação que, para o português, é praticamente inexistente.

Foi nosso propósito analisar alguns factos prosódicos no discurso de mulheres, procurando determinar certas características objectiváveis que concorrem para a percepção que temos da sua especificidade.

Tendo-nos proposto tratar estratégias de persuasão, constituímos o *corpus* a analisar a partir de quatro gravações, duas de entrevista (ME e FE)

e duas feitas na Assembleia da República (MAR e FAR); em cada uma das situações seleccionámos um homem e uma mulher como base mínima de comparação (M e F). Limitámos depois o material a estudar a um tempo que se situa, para cada gravação, entre os 15 e os 25 segundos, procurando captar um fragmento de discurso que correspondesse a um enunciado completo (anexos 1 a 4).

Julgo conveniente introduzir neste momento as gravações de modo que se possa obter delas uma primeira impressão. Elas foram ouvidas por um grupo de alunos da Faculdade de Letras, a quem foi pedido que caracterizassem a prosódia de cada um dos falantes em termos subjectivos e segundo a sua intuição. Para ser mais fácil acompanhar essa caracterização, ela será apresentada a seguir a cada fragmento.

ME

maior duração e menor número de pausas  
hesitante, lento, inseguro, monocórdico

MAR

pausas proporcionais ao débito  
forte e agradável  
lento  
acento de intensidade

FE

pausas breves  
rápida, decidida, sincopada  
maior duração das tónicas  
acento de altura, desníveis  
vibrante, voz pouco feminina

FAR

maior número de pausas (também inexistência)  
menor duração  
rápida, idiossincrática, criativa  
variações de intensidade  
oposição breves/longas

O trabalho que realizámos para procurar confirmar certas intuições seguiu a seguinte metodologia:

Transcrevemos as gravações e identificámos o número e distribuição das pausas que se podiam perceber pela audição do registo magnético. Procedemos em seguida à análise experimental da intensidade, da frequência fundamental (que determina as diferenças de altura) e da onda sonora e obtivemos uma representação gráfica destas variáveis. Posteriormente, os gráficos foram segmentados e neles foram indicadas as pausas percebidas. Embora essas pausas nem sempre correspondessem a silêncios do sinal representado, decidimos tomá-las como parâmetros interessantes para o estudo a realizar.

Sobre as curvas obtidas foi calculado, em primeiro lugar, o débito médio de cada informante (ou seja, o número de sílabas por segundo). Sendo este débito um valor global que não permite verificar a distribuição interna da velocidade das sequências, calculámos seguidamente o débito e a duração de cada sequência e a frequência e a duração das pausas percebidas.

O que obtivemos pode considerar-se o ritmo dos quatro fragmentos de discurso analisados. Infelizmente, não é possível compará-lo com o ritmo médio do português *standard*, visto que esse padrão não foi até agora definido. Por curiosidade, pode acrescentar-se que, em relação ao francês, vários foneticistas têm posto em relevo a regularidade característica da duração das sílabas em sucessão. Neste contexto, as irregularidades de duração e de velocidade poderão transmitir informação adicional. A inexistência de uma análise do padrão do português tem como consequência que os casos que estamos a analisar apenas podem ser julgados por comparação entre si.

Nos quadros que vamos apresentar, os quatro locutores estão referidos como ME e FE (masculino e feminino em entrevista) e MAR e FAR (masculino e feminino na Assembleia da República).

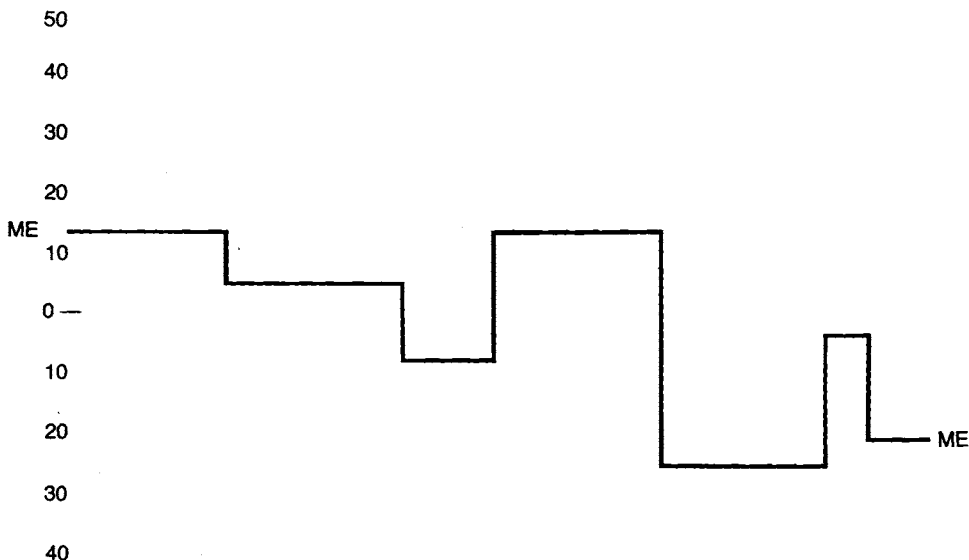
	Débito global/ /segundo	Débito global/ /segundo	Débito médio das sequências/ /segundo	Pausas/ /segundo	Sequências/ /segundo	Duração média global	Duração média de sequências	Duração média de pausas
	Número total de sílabas × 1000 Duração total	Número total de sílabas × 1000 Duração das sequências						
FE .....	5,4	6,4	5,5	0,4	0,5	5,3%	10%	11 %
ME .....	3,6	4,9	4,7	0,3	0,4	7,7%	14%	16,5%
FAR .....	5,1	7,3	7,7	0,6	0,6	3,2%	6%	6,5%
MAR .....	4,7	6,2	5,5	0,4	0,4	5,9%	11%	12,5%

O quadro apresenta-nos, em números absolutos de sílabas por segundo, os débitos globais total e por sequência, o débito médio das sequências, o número de pausas e o número de sequências por segundo. No que respeita às durações, e tendo em atenção que os tempos totais das gravações não são iguais, a comparação entre durações foi feita por percentagem, sendo considerado cada fragmento do discurso como uma unidade.

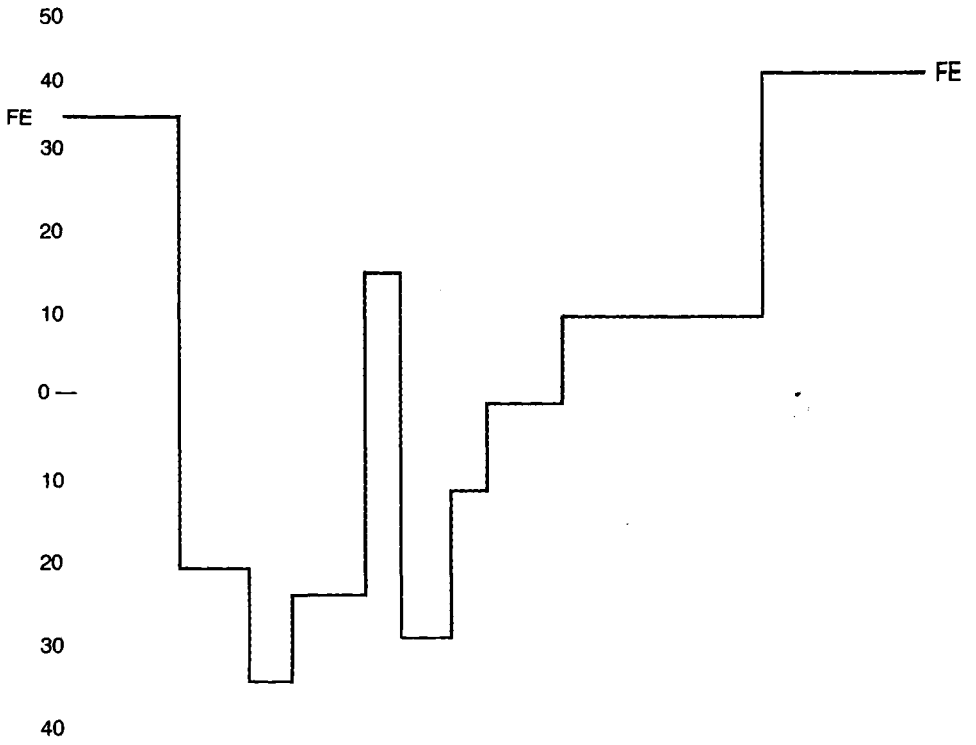
A observação do quadro permite-nos verificar que os valores mais baixos de débito (ou seja, o menor número de sílabas por segundo) se encontram em ME e os mais altos em FAR. Inversamente, e por consequência, a mais alta percentagem de duração média, quer das sequências, quer das pausas, encontra-se em ME e a mais baixa em FAR. Pode finalmente notar-se que as gravações das vozes femininas apresentam débito mais elevado e duração média mais baixa que as das vozes masculinas, mesmo tendo em conta as diferentes situações de comunicação.

Os números relativos ao débito médio por sequência e as percentagens de duração das sequências estão representados graficamente nos gráficos I a IV. A sua sobreposição permite observar uma maior regularidade na distribuição dos tempos em ME e MAR e uma grande irregularidade em FE e FAR, atingindo a sua expressão mais elevada nesta última.

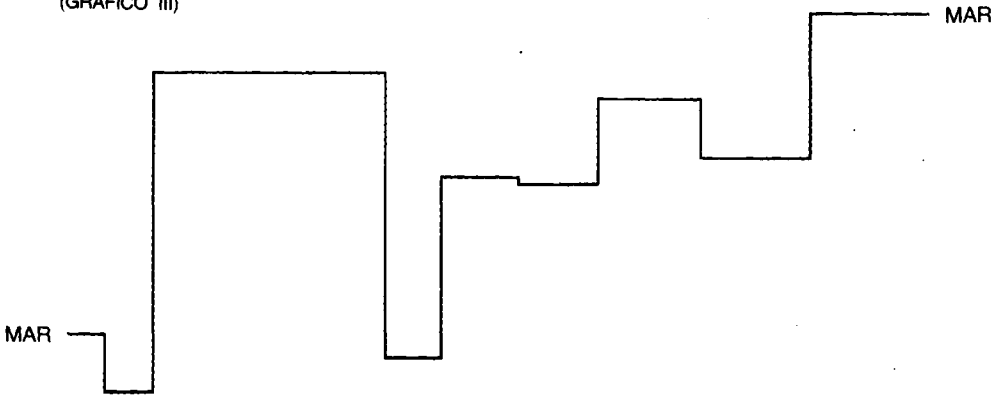
(GRÁFICO I)



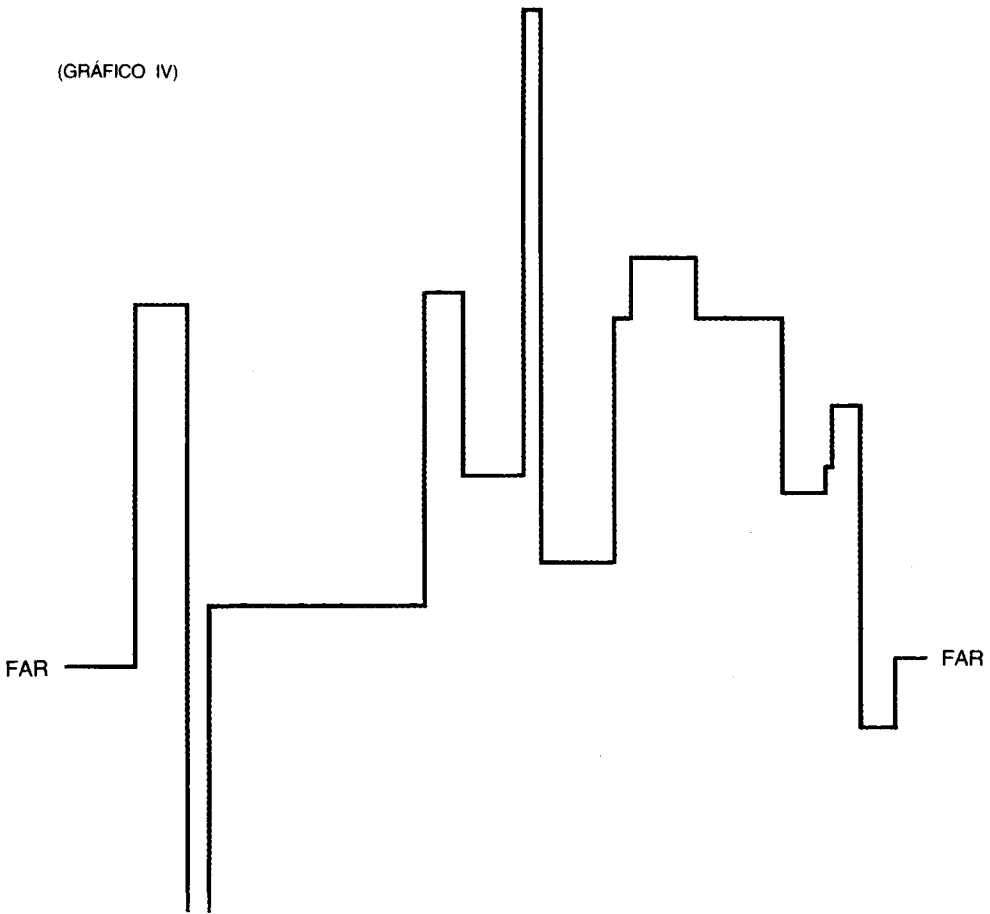
(GRÁFICO II)



(GRÁFICO III)



(GRÁFICO IV)



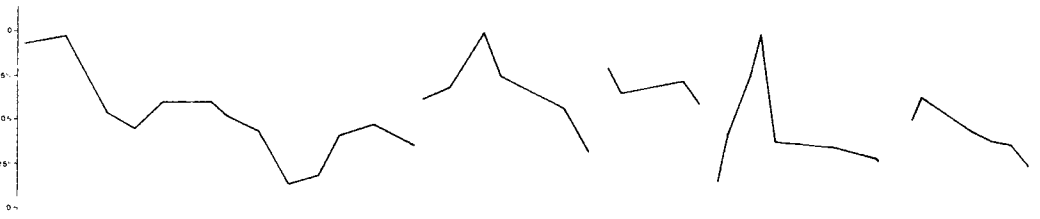
Finalmente, pode concluir-se pela confirmação da rapidez *versus* lentidão percebidas, respectivamente, para as vozes F e M. Curioso é notar que, tendo havido quem percebesse maior número de pausas em ME e menor número em FAR — exactamente o inverso do que se verifica —, essa percepção pode dever-se ao facto de ME ter pausas longas, embora raras, e FAR fazer pausas frequentes, mas rápidas.

A par das variáveis observadas, era nossa intenção analisar igualmente as diferenças de intensidade e de altura. Por razões várias não pudemos, contudo, realizar essa parte da investigação para as quatro gravações. Julgámos, no entanto, de interesse apresentar algumas secções da representação gráfica da linha do fundamental (altura de voz) e de intensidade da FE. A linha de intensidade foi traçada com base nas variações das percentagens sobre o valor mais elevado de todas as sequências.

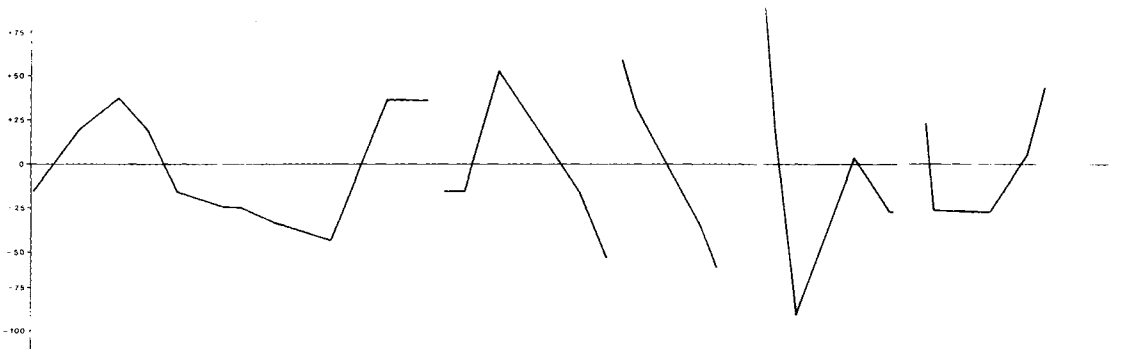
A observação do gráfico V leva-nos a algumas conclusões. Certas unidades que pareciam ter reforço de intensidade provocam-nos essa sensação em consequência das diferenças de altura. As diferenças de altura demarcam muito mais as unidades prosódicas do que as diferenças de intensidade. As curvas de fundamental para cada sequência terminam quase sempre com uma subida. As curvas de intensidade e de altura nem sempre são paralelas, o que mostra que qualquer das variáveis é utilizada para delimitar unidades e para agrupar em torno de um acento — de intensidade ou de altura — um contorno prosódico característico.

(GRÁFICO V)

Intensidade

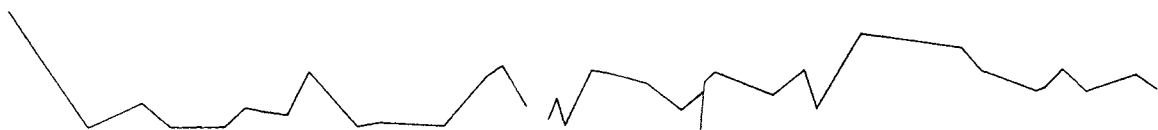


.. o vinte cinco de abril de mil novecentos e sessenta e quatro apareceu ..... me co ..... mo ..... uma dá ..... di ..... inespera ..... da ..... que

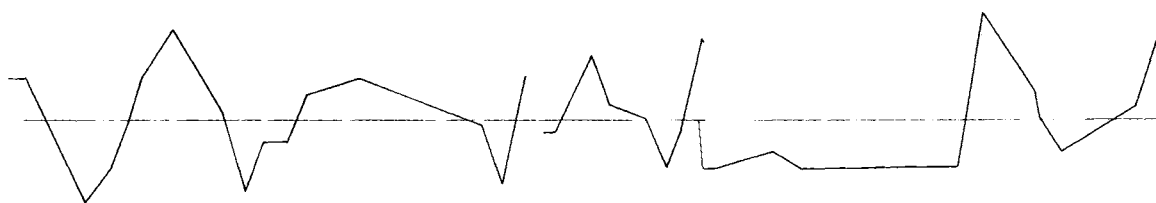


fundamental  
(altura da voz)





vinha . . . . . no ter . . . . . mo de um pro . . . ce . . . sso de reflexão que estava a fa . . . ceiro do meu . . . grupo de ba . . . se que é o movimento do final



Anunciámos o estudo das estratégias prosódicas de persuasão no discurso feminino, mas o nosso objectivo era demasiado ambicioso, dada a falta de padrões comparativos e a imensa investigação que teria sido necessário desenvolver.

E, mesmo assim, que poderíamos provar? A maior rapidez na elocução combinada com uma irregularidade na distribuição das durações, observadas na discussão das mulheres, serão prova de que existe uma adesão afectiva ao discurso, um envolvimento de toda a pessoa na intercomunicação? Será isto uma estratégia? É provável. E poderá a combinação de todas as variáveis na criação e modulação de unidades prosódicas determinar no interlocutor uma inconsciente atenção encantada, uma adesão emotiva?

Ou seria o nosso título ele mesmo uma estratégia para despertar o interesse de quem nos ouvia?

De qualquer modo, a prosódia é rica de sinais, interpretáveis simbólica e metaforicamente, e é sem dúvida um dos campos pouco explorados no estudo da linguagem verbal.

#### Anexo 1 — ME

Bem essa pergunta é um bocado difícil para um primeiro-ministro de um Governo que não chegou a ser aprovado pelo Parlamento e portanto não chegou a gerir em plena potência o País.

#### Anexo 2 — FE

O vinte cinco de Abril de mil novecentos e setenta e quatro apareceu-me como uma dádiva inesperada que vinha no termo de um processo de reflexão que eu estava a fazer dentro do meu grupo de base que é o movimento do Graal sobre as perspectivas da sociedade portuguesa para mil novecentos e oitenta e cinco.

#### Anexo 3 — MAR

Parece através do actual programa que o Governo nos apresenta em matéria de política cultural pressentir-se um certo arrependimento por parte deste Governo ainda que não muito explicitamente em relação à prática cultural do primeiro Governo da Aliança Democrática.

#### Anexo 4 — FAR

Quanto ao primeiro ponto senhor deputado António Reis se o meu entusiasmo perante este programa será implicitamente ou tacitamente quer dizer o meu desgosto perante um programa que passou será isso a política cultural da SEC que passou será isto um acto de arrependimento se este programa é um acto de arrependimento é isso que quis dizer bem eu não sei se é mas se é ainda bem.